"QUEM COLOCA A BUNDA EM CARAS NÃO COLOCA A CARA EM BUNDAS" - UM RESGATE DA IMPRENSA ALTERNATIVA NO BRASIL

Caroline Taveira[1]

RESUMO: O presente artigo se destaca por expor o resgate da Imprensa Alternativa em um novo período político da História, sem censuras e prisões, como nos anos de 1970. Destacando o semanário *Bundas* como objeto de estudo, para evidenciar que é possível a prática do jornalismo alternativo mesmo em período democrático.

PALAVRAS-CHAVE: *Grande Imprensa; Imprensa Alternativa; Jornalismo; Semanário* Bundas.

ABSTRACT: This article stands out by exposing the rescue of Alternative Press in a new period of political history, uncensored and prisons, as in the 1970s. Highlighting weekly *Bundas* as an object of study, it is possible to show that the practice of alternative journalism even in democratic period.

KEYWORDS: *Large Press; Alternative Press; Journalism; Weekly* Bundas.

[1] Graduada em História pela Faculdade de Ciencias e Letras (UNESP-ASSIS) e Mestre em Comunicação Midiática pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - FAAC-BAURU)

Introdução

As inquietações que levaram a compreensão do que seria a imprensa alternativa, e a prática do jornalismo alternativo reside no fato da chamada grande imprensa seguir uma lógica mais imediatista e comercial, deixando de lado, na maioria das vezes, o papel crítico do jornalismo. Com matérias pré-definidas fazendo com que se publiquem assuntos que especialmente servem para dar credibilidade e validade àquilo que o jornal ou revista pensam, algumas funções do jornalista acabam por se perder, notadamente a de argumentar com profundidade, sem depender da premência do tempo e ir a campo para ter uma visão mais abrangente daquilo que esta sendo noticiado.

As notícias em vários veículos de informação, muitas vezes, são trabalhadas da mesma forma, pois o que está em vigor é que cheguem ao leitor da maneira mais rápida possível e não como esta matéria foi elaborada e discutida. Como afirma Ciro Marcondes Filho, (2000):

> (...) o jornalismo tornou-se um disciplinamento técnico, antes que uma atividade investigativa ou lingüística. Bom jornalista passou a ser aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou melhor escreve. p. 36

Diante dessa constatação, torna-se necessária uma imprensa preocupada com o debate e a crítica, com assuntos que interessem á todos os públicos e que não vise o lucro como principal objetivo, mas sim que traga análises dos fatos de maneira mais detalhada, em profundidade, construídos de forma a explicar e dar sentido às matérias publicadas nas suas páginas. Desta forma, o estudo da imprensa alternativa se torna interessante pelo fato de seguir caminhos diferentes da grande imprensa uma vez que visa transmitir informações relevantes ao interesse do leitor, não tendo apenas o lucro como principal objetivo ou o tratamento da informação como mera mercadoria.

A Imprensa Alternativa

A imprensa, em especial a ligada a grupos políticos, se revela desde o século XIX como defensora dos interesses da burguesia, tanto a relacionada com projetos políticos como os da moderna indústria. Nos séculos XVIII e XIX os líderes políticos

passaram a tomar consciência do poder que a imprensa poderia ter para influenciar a população quanto as suas decisões políticas e como aponta Curran (2001) "A imprensa foi arena para uma importante luta política durante o século XIX. Classes diferentes lutavam não apenas pelo direito de exprimirem as suas causas e interesses, mas também para reprimir outros pontos de vista." Desta forma, a imprensa se apresentava como porta voz dos políticos além de se mostrar preservadora da ordem vigente.

Para mudar este quadro, era preciso haver um jornalismo que atendesse as classes menos favorecidas, é a partir de então que surge o conceito de alternativo, ou seja, alternativo ao sistema vigente, alternativo a imprensa-empresa. Na América Latina a chamada mídia alternativa esteve quase sempre relacionada à resistência política, principalmente quando se trata dos períodos ditatoriais, como no caso brasileiro, e enquanto a indústria jornalística reforçava as visões dos grupos próximos do poder, competia à imprensa alternativa a tarefa de resistência e do questionamento do *status quo* vigente.

Quanto ao conceito do termo *alternativo* Rivaldo Chinem (1995), assim como Kucinski (2003), caracteriza-o como uma imprensa independente, e ainda destaca:

> O dicionarista Aurélio Buarque de Holanda acrescentou, na segunda edição de seu Novo Dicionário, a definição do termo 'alternativo' como algo que não está ligado aos interesses ou tendências políticas dominantes. (1995, p.7-8).

Paolo Marconi (1980) também expõe seu ponto de vista quanto à descrição do termo alternativo, e coloca:

> Na década de 60 deu-se o surgimento da imprensa denominada independente, nanica ou alternativa. (...) O primeiro jornal desse tipo - o Pif-Paf - surgiu em 1964 e teve duração efêmera de 8 edições quinzenais sob a direção do esquerdista Millôr Fernandes. O mesmo humorista em 1969, reunindo-se a um grupo de críticos e humoristas de esquerda (Ziraldo, Tarso de Castro, Henfil, Jaguar) funda o semanário O Pasquim. As características desta imprensa: tiragem reduzida de cada impressão; repercussão reduzida, exceções como O Pasquim, Movimento, Em Tempo; falta de esquema empresarial com trabalho semi-artesanal na maioria dos órgãos; ausência de suporte financeiro adequado, caracterizada pela inexistência de anúncios comerciais, etc. (MARCONI, 1980, p.307-309).

Segundo Abramo (1988) a imprensa alternativa buscava fazer um contraponto a imprensa burguesa, ela não tinha como intuito substitui-la, mas foi á forma encontrada

de expor outros pontos de vista políticos e sociais através do meio impresso. A pauta dos alternativos tinha por base as notícias da grande imprensa, porém com novas análises e enfoque, fatores que de fato os diferia e os colocava em perspectivas diferentes.

Nos estudos sobre imprensa ou mídia alternativa também destaca-se o trabalho de John Downing (2002) que caracteriza como *mídia radical alternativa* as diversas manifestações da comunicação de linha contra-hegemônica. Esta mídia é vista como uma forma de expressão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas. (p. 21). Downing enfatiza em seu estudo as formas de expressão da mídia radical alternativa, como: danças, músicas, internet, jornais impressos dentre outros.

De forma geral, o conceito de mídia ou imprensa alternativa pode ser caracterizado como a prática de um jornalismo contestador ao sistema vigente. Todos os autores mencionados acima expõem seu ponto de vista ao termo alternativo como uma manifestação contra-hegemônica, crítica às matérias dos grandes impressos e forma de resistência. Cada autor trabalha o termo de acordo com seu objeto de estudo, músicas, impressos, internet, movimentos sociais e apesar de cada um ter suas particularidades á definição se resume em uma só: contestação.

Em suma, a imprensa alternativa se revela como uma forma de atuação a fim de expor o que os grandes meios impressos muitas vezes não expõem, desta forma, assuntos que são minimizados pela grande imprensa ganham espaço nos veículos alternativos.

O conceito de Imprensa Alternativa na atualidade

Através da análise dos conceitos e ideias dos autores mencionados anteriormente, entende-se que jornalismo alternativo seria uma forma de se transmitir informações negligenciadas ou ignoradas pela grande mídia. No caso dos alternativos dos anos 70, estes entravam em circulação para mostrar os problemas enfrentados pela população brasileira frente à ditadura, já que muitos dos assuntos eram mascarados pela grande mídia. O jornalismo alternativo, então, acaba por se associar a correntes políticas de esquerda por se contrapor a mídia hegemônica.

O conceito de alternativo que iremos nos valer não será aquele aplicado aos impressos dos anos 70, como defendido por Kucinski (2003), mesmo porque o impresso de análise circulou em outro momento da história e da realidade midiática. Portanto, entendemos como alternativo, a prática do jornalismo preocupada com assuntos que de fato interessem ao público leitor, que aborde temas que fazem parte da realidade da população e que acima de tudo não procure mascarar assuntos que vão contra ao sistema político vigente. Jornalismo alternativo seria a junção dos ideais que motivaram a imprensa *nanica* dos anos 70 com a nova realidade democrática da atualidade, em vista a uma imprensa que busca o debate e a crítica, e que não se difere da grande imprensa apenas por possuir um novo formato editorial.

Assim, o conceito de alternativo que nos cabe vem de encontro com as explicações de Lucio Flávio Pinto, editor do *Jornal Pessoal* que circula em Belém, jornal este que não possui publicidade, nenhum alinhamento com grupos políticos, empresariais ou do estado. Pinto menciona que imprensa deveria ser apenas imprensa, sem adjetivos acompanhantes, mas apesar de tomarmos o adjetivo alternativo como base de estudo, as explicações que ele apresenta do que seria uma imprensa realmente preocupada com o público, vem de encontro com nosso trabalho:

> Imprensa comprometida em ir atrás dos fatos e divulgar as informações relevantes para a vida social. Não interessa a quem serve ou a quem contraria. Desde que as matérias se baseiem efetivamente em fatos e estes fatos tenham relevância social, devem ser publicados. Não só os fatos, naturalmente: raciocínios, análises, ideias e propostas também devem estar todos os dias na imprensa. Sua principal finalidade é aproximar a agenda dos cidadãos da pauta da história. Permitir que os cidadãos tenham acesso aos fatos importantes antes que eles sejam consumados. Não deixar que as decisões sejam privilégio de minorias, grupos de pressão ou interesses exclusivistas. Esta imprensa é necessária para todos. (PINTO, 2005, p.103).

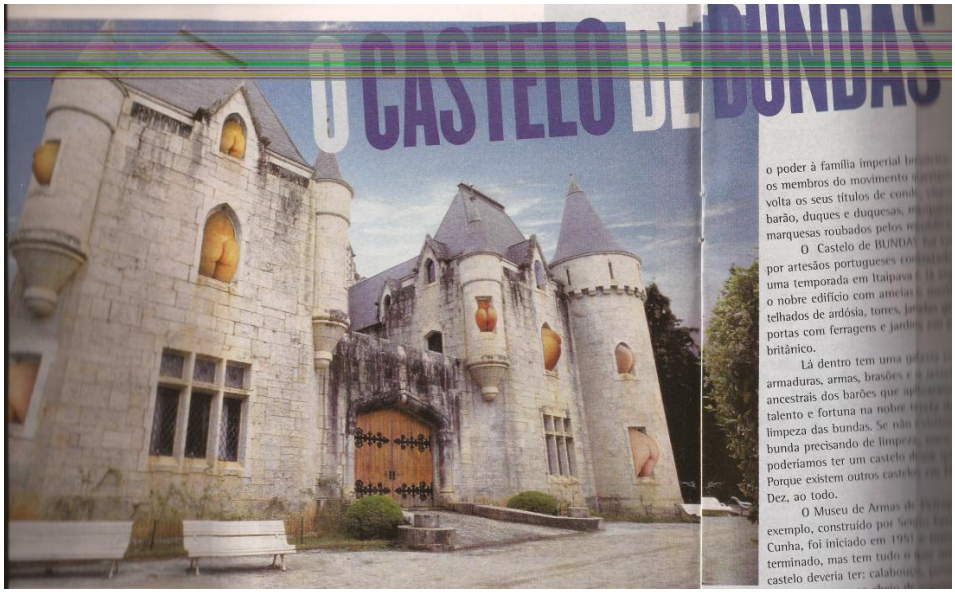
Atualmente observa-se uma ampliação do termo alternativo, pois a categoria imprensa alternativa não só ficou ligada aos pequenos jornais que explodiram nos anos da ditadura militar de 1964 como também sugere tão somente veículos impressos. Hoje vemos o jornalismo alternativo sendo praticado não apenas por meio impresso, mas também por meio digital. As páginas eletrônicas, como os *Blogs*, por exemplo, passaram a ser utilizados não apenas para expressão pessoal, mas também para se fazer protestos. As redes sociais também se tornaram espaço de denúncia e discussões sociais

e políticas, deste modo, novas formas de se praticar jornalismo alternativo fez com este se disseminasse cada vez mais, dando força as formas alternativas de informação.

"Quem coloca a Bunda em Caras, não coloca a cara em Bundas"

Bundas foi um meio de comunicação de tiragem semanal, em formato tablóide, criada por Ziraldo Alves Pinto, jornalista responsável pelo periódico. Entrou no mercado em 1999, período do segundo mandado FHC, sendo impresso no Rio de Janeiro pela editora Pererê Ltda, e circulou até fevereiro de 2001. O periódico se baseava numa crítica bem humorada à ostentação de personalidades e famosos que semanalmente apareciam na revista *Caras*, por isso a frase de Ziraldo: *Quem coloca a Bunda em Caras não coloca a Cara em Bundas*, mostrando que em *Bundas* os assuntos, apesar de serem abordados de maneira cômica, não tinham como intuito mostrar a ostentação dos famosos, mas sim os acontecimentos sociais, políticos e econômicos do Brasil e do mundo, satirizando desta forma a revista *Caras*:

Imagem Castelo de Caras: *Caras*. Outubro de 2011.



Revista *Bundas*, Edição n 4.

O semanário foi feito sem grandes investimentos, e possuía um título que chamava a atenção do público leitor, causando espanto e curiosidade. Ziraldo e toda comissão editorial e de colaboradores do periódico, que trazia nomes como: Nani; Millôr; Luís Pimentel; Arthur Xexéo; Tutty Vasques; Chico Caruso; Paulo Caruso; Angel; Miguel Paiva, dentre uma série de nomes que envolviam não só o meio jornalístico como também o cultural brasileiro, tentaram mostrar que era possível o resgate dos sentimentos que impulsionaram a imprensa alternativa dos anos 70, já que os anos em que a revista circulou foram marcados por crises econômicas e um aumento significativo do desemprego. Com a intenção de recuperar algumas características do *Pasquim*, Ziraldo misturou o que motivou os impressos alternativos da época do regime militar, inclusive nomes que fizeram parte da imprensa alternativa daquele tempo, com uma nova geração de jornalistas, exercendo crítica nos campos da política, economia, costumes e comportamento.

Bundas se destaca no final dos anos 90, por expor um lado da política que dificilmente era mostrado pelos grandes veículos impressos de informação, destacando a figura do presidente FHC de forma negativa e satirizada. O que chama a atenção no semanário foi á forma com que este trata a política de FHC, com diversas críticas, ataques, e ironias. Apesar do semanário se mostrar como um veículo que estava no mercado apenas para detratar a figura do presidente, com imagens e palavras muitas

vezes grosseiras, ele se apresenta como defensor da população, no que diz respeito aos problemas que essa estava enfrentando no período, e de uma maneira geral procurou trazer uma linguagem bem informal, a fim de atender às diversas classes sócio-intelectuais.

A forma como o semanário foi editado também merece destaque, pois foi muito bem ilustrado e escrito com linguagem acessível, devido ao uso de termos coloquiais e humor através das charges, caricaturas e cartuns, se diferindo de alguns periódicos de grande circulação. Inicia-se, na maioria das vezes, com uma charge de Millôr, e traz algumas seções fixas como o editorial de Luiz Fernando Veríssimo dedicado aos acontecimentos do Brasil e do mundo que, de alguma maneira, interferiram na política brasileira. *Bundas* também trazia entrevistas com políticos e celebridades, principalmente aquelas que estavam promovendo polêmica e que se destacavam no meio político e social brasileiro.

Bundas, 1999.

INVEJA

Depois o FHC diz que tem inveja do Hugo Chavez, já que a crise econômica venezuelana, por índices macroeconômicos, seria muito maior do que a brasileira, mas o seu prestígio político subiu nas últimas eleições. Basta olhar os índices sociais que acompanham a tal "recuperação" que os imbecis cantam na imprensa todos os dias, para se dar conta do porquê: o desemprego se mantém em 18,6%, mas só não aumentou porque aos 15 mil postos de trabalho eliminados se somaram 19 mil trabalhadores que saíram do mercado, isto é, desistiram de conseguir emprego. O rendimento médio dos ocupados recuou 3,1% e o tempo dos desempregados até obter novo emprego passsou de 47 a 50 meses. Só o economicismo impede que esses imbecis entendam a realidade por detrás de suas imposturas. Aloysio neles!
(Emir Sader)

Bundas, 2000.

Não é exagero afirmar que *Bundas*, como um todo, realizava uma constante crítica ao governo vigente assim como usava suas páginas para mostrar escândalos e denúncias da administração tucana, mas não se destacava, apenas por isso, pois realizava entrevistas, e contava com artigos que trataram de temas variados como: saúde, música, identidade cultural e ciência.

O fim do imprenso

Bundas reviveu os sentimentos do *Pasquim* e também de outros impressos alternativos do período dos anos 70, com contestações e críticas ao modelo político vigente e aos problemas sociais e econômicos enfrentados na época, mas não conseguiu permanecer no mercado por muito tempo. Os primeiros números do semanário foi um sucesso, as pessoas queriam saber que conteúdo uma revista chamada *Bundas* trazia em suas páginas, mas muitas vezes seus assuntos e imagens soavam ofensivos, sendo associada a revistas pornográficas. O semanário chegou a ser ensacado e proibido para menores de 18 anos, um dos fatores que levaram a perda de grande parte do seu público:

oto Frederico Rozario

CENSURA PRIVADA

BUNDAS foi ensacada, carimbada como produto proibido para menores e exposta ao lado das revistas de sacanagem em uma banca do Rio de Janeiro, no bairro do Leme. Nada contra a vizinhança (Sexy, Brazil, Hustler e outras), mas queremos alertar ao amigo jornaleiro que esta não é uma publicação de putaria (apesar da nossa matéria-prima estar, também, em Brasília), mas de idéias e de humor. BUNDAS não está sujeita à legislação das chamadas "revistas masculinas" e o seu lugar é ao lado das revistas semanais de informação. (Luís Pimentel)

Bundas, Edição 46, p. 43.

Edição n 49, 2000.

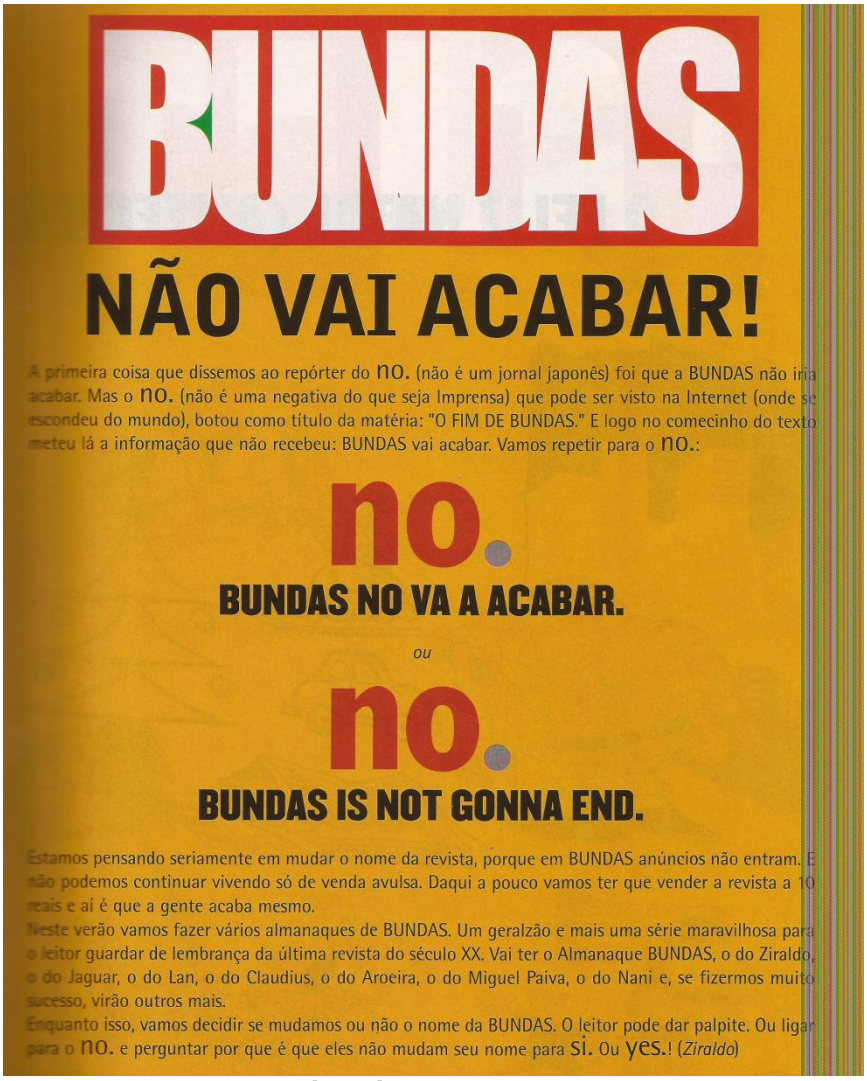
As ilustrações de Paulo Caruso, abaixo, mostram de uma maneira bem humorada a reação das pessoas ao pedirem o semanário nas bancas. O espanto com o nome era algo constantemente presente nas pessoas, diante deste fato cada edição trazia

uma brincadeira com o nome do semanário. Logo que o leitor abre o tablóide é apresentando uma charge satirizando a reação dos vendedores das bancas.

Bundas, Edição 78, p. 18.

Em 2001 o semanário para de circular, *Bundas* nesse período se torna Almanaque, não sendo mais em formato tablóide, até a forma como nome do semanário era escrito passou por mudanças, de *Bundas* passou a ser *Bumdas*. A substituição do N pelo M talvez tenha sido uma estratégia para não causar tanto espanto com o nome do impresso. Ziraldo em uma de suas edições propôs a mudança do nome, logo na primeira página da edição de número 77, quando já não era mais em formato tablóide, o criador do impresso propõe a mudança: "Estamos pensando seriamente em mudar o nome da

revista, porque em Bundas anúncios não entram." Esta foi á afirmação de Ziraldo, relutante quanto ao fim do impresso.



BUNDAS

NÃO VAI ACABAR!

A primeira coisa que dissemos ao repórter do no. (não é um jornal japonês) foi que a BUNDAS não iria acabar. Mas o no. (não é uma negativa do que seja Imprensa) que pode ser visto na Internet (onde se escondeu do mundo), botou como título da matéria: "O FIM DE BUNDAS." E logo no comecinho do texto meteu lá a informação que não recebeu: BUNDAS vai acabar. Vamos repetir para o no.:

no.

BUNDAS NO VA A ACABAR.

ou

no.

BUNDAS IS NOT GONNA END.

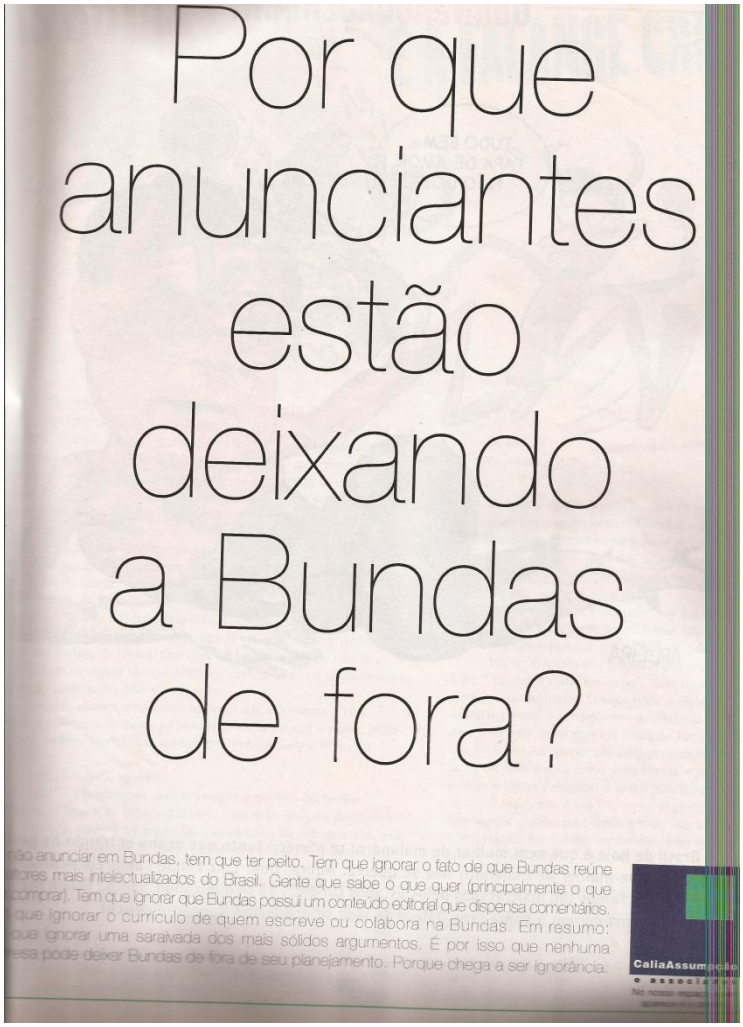
Estamos pensando seriamente em mudar o nome da revista, porque em BUNDAS anúncios não entram. E não podemos continuar vivendo só de venda avulsa. Daqui a pouco vamos ter que vender a revista a 10 reais e aí é que a gente acaba mesmo.

Neste verão vamos fazer vários almanaques de BUNDAS. Um geralzão e mais uma série maravilhosa para o leitor guardar de lembrança da última revista do século XX. Vai ter o Almanaque BUNDAS, o do Ziraldo, o do Jaguar, o do Lan, o do Claudius, o do Aroeira, o do Miguel Paiva, o do Nani e, se fizermos muito sucesso, virão outros mais.

Enquanto isso, vamos decidir se mudamos ou não o nome da BUNDAS. O leitor pode dar palpite. Ou ligar para o no. e perguntar por que é que eles não mudam seu nome para si. Ou yes.! (*Ziraldo*)

Bundas, Edição 77. Contracapa.

Mas mesmo após todas essas mudanças, aos poucos ele passa a perder seus leitores, chegando ao fim 2001. A justificativa dos idealizadores do semanário para seu fim foi à falta de publicidade e público, fatores que fizeram com que este saísse do mercado, sendo a falta de anunciantes um fator substancial para o término do impresso. Constantemente eram feitos apelos para que a revista tivesse mais publicidade, um deles foi o publicado na edição n 36, com o título em letras garrafais dizendo: "Por que anunciantes estão deixando Bundas de fora?".


Por que anunciantes estão deixando a Bundas de fora?

ão anunciar em Bundas, tem que ter peito. Tem que ignorar o fato de que Bundas reúne tores mais intelectualizados do Brasil. Gente que sabe o que quer (principalmente o que comprar). Tem que ignorar que Bundas possui um conteúdo editorial que dispensa comentários. que ignorar o currículo de quem escreve ou colabora na Bundas. Em resumo: que ignorar uma saraivada dos mais sólidos argumentos. É por isso que nenhuma esa pode deixar Bundas de fora de seu planejamento. Porque chega a ser ignorância.

CaliaAssum

Bundas. Edição 36, p. 33

Diante da falta de publicidade e público, *Bundas* não circulou por muito tempo, mas impulsionou, assim como *Caros Amigos*, a vinda de outros impressos como *Carta Capital* e *Brasil de Fato*, além de outros impressos alternativos da atualidade. E por apresentar uma linguagem diferenciada se tornou um importante objeto de estudo.

Considerações Finais

Muito do que é publicado nos grandes veículos são notícias que muitas vezes privilegiam os interesses das associações que controlam as práticas jornalísticas como: ANJ (Associação Nacional de Jornais) e a ANER (Associação Nacional dos Editores de Revista), em vista a conquista de seus lucros e tendências ideológicas. A chamada

imprensa de oposição, ou alternativa busca reverter esse cenário de monopolização midiática, pois esta possibilitou que houvesse novas opções de fontes informativas.

Assim como a imprensa alternativa dos anos 70, *Bundas* mostrou um lado da informação que os grandes veículos não evidenciaram, devido ao Regime Militar e a censura. Os alternativos, desta forma, buscam algo que nem sempre é abordado pela grande imprensa, como: críticas ao sistema político vigente; denúncias contra algum de seus representantes; problemas sociais; crises econômicas, dentre outros assuntos que afetam diretamente os chamados donos do poder.

Mediante ao exposto, a imprensa alternativa se destaca em período democrático por mostrar que é possível o resgate dos sentimentos que impulsionaram os alternativos dos anos 70, exercendo jornalismo de forma diversa dos grandes veículos impressos. Desta forma, torna-se necessária uma atenção maior com esses veículos alternativos que constantemente surgem em tempos democráticos, pois esses apesar da pouca circulação, como foi o caso de *Bundas*, surgem no mercado jornalístico para mostrar outras visões acerca da política, economia e sociedade. De forma crítica, e muitas vezes bem humorada, como em *Bundas*, esses impressos almejam expor ao leitor outras visões e enfoques, estimulando a lado crítico do leitor.

Referências

ABRAMO, Perseu. **Imprensa Alternativa**: alcance e limites. Revista Tempo e Presença, nº. 233, agosto de 1988. Boletim Periscópio Internacional.

CURRAN, James; SEATON, Jean. **Imprensa, rádio e televisão**: poder sem responsabilidade. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa**: Jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. Edições de 1991 e 2003.

MARCONI, Paolo. **A censura política na imprensa brasileira (1968-1978).** São Paulo: Global editora, 1980.

MARCONDES FILHO, Ciro. Comunicação & Jornalismo - **A Saga dos Cães Perdidos**. São Paulo, Hacker Editores, 2000.

PINTO, Lúcio Flávio. **Guerra Amazônica** – O jornalismo na linha de tiro de grileiros, madeireiros, intelectuais, etc. Edição independente com textos extraídos do Jornal Pessoal, 2005.

Periódicos

Semanário Bundas, Edições: 4; 36; 46; 49; 62; 77 e 78. 1999 a 2001.